Há varias Histórias Gerais da Bolívia, cujos autores sintetizaram apressadamente fatos compreendidos entre os séculos XVI a XX. No presente tomo, Velarde não rompe com tal tradição. Apesar do propósito metodológico (método integral), embora insista nos problemas sociais, que é um mérito em relação aos obras anteriores, mal toca nos problemas econômicos. Portanto, o seu trabalho se enquadra na história política tradicional, paralelo às demais histórias gerais. Esta, contudo, acima dos manuais de história destinados ao ensino secundário. O esforço teorizante, a concepção dualista (país urbano e país rural) permite situa-la em plano superior. Esta superioridade, todavia, está comprometida por certos descuidos técnicos: ausencia de notas de rodapé, bibiografia final com indicações incompletas, não distingue obras gerais de monografias, artigos de revistas, jornais; menciona Arquivos sem especificar os documentos consultados, etc.. A pretensão de historiar apressadamente séculos de história deverá ceder lugar às monografias de espaços cronológicos breves, para que somadas e revisadas, possam ser elaboradas Histórias Gerais da Bolívia atentas, por exemplo, a um método integral. A Editora Los Amigos del Libro através de seus diretores, Hector Cossio Salinas e Werner Guttentag Tichauer, conciente destas limitações se prepara para lançar uma coleção histórica conhecida por "Enciclopédia Boliviana" cujos tomos irão corresponder a monografias elaboradas, individualmente, por especialistas bolivianos. É de se esperar que a indicação bibliográfica satisfaça os requisitos mínimos normais da técnica internacional.

JACIRO CAMPANTE PATRÍCIO

* *

QUIROGA (Eduardo Arze). — Historia de Bolivia. Fases del proceso hispano-americano: origenes de la sociedad boliviana en el siglo XVI. Editorial "Los Amigos del Libro", La Paz-Cochabamba, 1969, 468 págs.

A Editôra boliviana Los Amigos del Libro vem cumprindo importante missão cultural, qual seja, enriquecer com novas obras a Coleção Bolivia Ayer y Hoy, dirigida por Héctor Cossío Salinas e Werner Guttentag, subdividida em quatro séries. A obra que vamos resenhar corresponde à quinta publicação da série História.

O autor, Eduardo Arze Quiroga, é natural de Cochabamba, ex-professor de Economia Política na Universidade de San Simón, ex-diplomata, ex-ministro. Atualmente, radicado em Buenos Aires, dedica-se à pesquisa histórica.

A referida obra é constituída de um prólogo de Raúl de Labougle, membro da Academia Nacional de História de Buenos Aires, prefácio do próprio autor, dezenove capítulos e conclusão. Há reprodução de mapas, quadros de personagens e quadros estatísticos.

Todas as vezes que se incorporam novos dados pesquisados ao acervo bibliográfico existente, devemos examinar a coerência e a importância destes novos dados em termos do que até então é tido como válido e conhecido.

A bibliografia histórica boliviana reflete um excessivo "uso e abuso" na utilização das cronicas procedentes do pujante passado colonial. É quase desnecessário lembrar a importância e limitações contidas numa crônica em decorrência do andarilhar compromissado ou descompromissado de seu autor. Contudo, há crônicas, como aquela de Bartolomé Arzans de Orsúa y Vela, Historia de la Villa Imperial de Potosí que embora escrita no início do século XVIII é tão rica em informações factuais, recolhidas de crônicas anteriores, outras acrescentadas por Ursúa com tal coerência que constitui fonte tentadora aos antigos e novos pesquisadores bolivianos e de outras nacionalidades. Merece ser lida, apesar de certas passagens picarescas que pontilham aqui ou ali.

Arze Quiroga em seu trabalho rompe com os cronistas?

Não. É mais um trabalho que valoriza as crônicas como fonte de reconstrução do passado colonial boliviano. Aliás, na parte dedicada a historiografia sobre Charcas (p. 70 a 86) sobressaem-se 31 crônicas entre 7 coleções de documentos e 5 indicações bibliográficas acrescidas de outras tantas ao longo dos capítulos. Há um aspecto importante que deve ser ressaltado: submete algumas das crônicas mencionadas a uma revisão crítica e alguns dados sobre a procedência dos cronistas. O valor da obra seria de maior alcance se houvesse lido e apreciado criticamente todas as crônicas mencionadas. Outro aspecto positivo: manipulou algumas crônicas com critério revisionista, ou seja, contrapôs a informação de um cronista, por exemplo, do Prata, com informações de um outro de Charcas, ou, então, com fatos extraidos de documentos. Terceiro aspecto positivo: através das crônicas, oferece dados novos, sobretudo demográficos e de produção argentífera, até então omitidos em trabalhos anteriores escudados nas mesmas. Ao longo do trabalho, os cronistas indicados com maior frequência são: Oviedo, Herrera, Ursúa y Vela e Diego Hernandez. Correspondência e a obra de Juan de Matienzo, Gobierno del Perú, são citadas várias vezes não só para comunicar fatos; houve o propósito evidente de por em destaque sua personalidade, pensamento e ação na organização institucional do vice-reinado-peruano e particularmente na Real Audiencia de Charcas com sede em La Plata (Sucre atual). Procedeu com idêntico propósito na consulta da obra de Polo de Ondegardo. Em resumo, Quiroga, ao utilizar os cronista, não rompe com a historiografia boliviana tradicional. Sem se colocar em nova perspectiva, consegue, contudo, comunicar alguns fatos novos. Isto evidencia mais uma vez a importância das crônicas coloniais.

Há uma prévia condição para se refazer, revisar e reconstruir a História da Bolívia: levantar e selecionar com rigor sistemático os documentos existen-

tes nos arquivos históricos bolivianos e estrangeiros. Seria muito importante também o amparo de uma instituição interamericana ou internacional na publicação dos referidos documentos. A OEA poderia patrocinar a publicação das escrituras públicas de Potosí, dada a transcedência que aquela cidade teve na fase colonial. Quando se preocupa com a integração da América Latina, não se pode ignorar o esboço integrador do "complexo potosino". A verdade é que, Gunnar Mendoza, Armando Alba, Mario Chacón Torres, Humberto Vazquez Machicado e outros pesquisadores bolivianos são unânimes no reconhecer, através de suas publicações, aquele requisito prévio.

Eduardo Arze Quiroga procedeu deste modo na elaboração de sua obra? Gostaríamos de responder que sim, contudo, sua contribuição é apenas parcial, senão omissa. Esteve voltado sobretudo para a documentação impressa ou manuscrita existente nos arquivos históricos da Argentina e Espanha com dois propósitos: extrair dados para sua obra e, através desta, divulgar algumas coleções de documentos com informações sobre o passado colonial boliviano. Senão vejamos: a). — Colección Muñoz, existente na Biblioteca da Academia de História de Madrid e Colección Bentito Mata Linares, existente na mesma biblioteca — houve o propósito de, simplesmente, divulga-las através de seu trabalho; b). — Colección de documentos inéditos relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antigas posesiones españolas, etc, - à p. 382, comunica alguns fatos extraidos da mesma; c). — Colección del Padre Pastells, existente no arquivo particular dos jesuitas em Madrid, informa que há 23 tomos referentes a Audiencia de Charcas que ainda não foram publicados. — às págs. 376 e 378 indica e transcreve alguns fataos; d). — Colección de copias y documentos del Archivo General de Indias de Gaspar García Viñas, a mesma se encontra na "sala de Reservados" da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 117 volumes — não sabemos se em manuscritos ou impressos —, ao longo do trabalho, entre as págs. 188 a 377 indica doze documentos e respectivos números extraídos da coleção indicada; e). - Colección de documentos históricos y geográficis relativos a la colonización rioplatense. Memorias y relaciones históricas y geográficas, publicada sob a direção de José Torre Revelo, E. Peuser, Buenos Aires, 1941, — às págs. 4, 24, 29, 29 a 35, 95 a 100 desta coleção extraiu alguns fatos importantes; f). — La Audiencia de Charcas, coleção de documentos publicados sob a direção de Roberto Levillier, Madrid, 1918-1922, 3 tomos, que constitui, sem dúvida, a fonte de documentos mais utilizado pelo Autor ao longo de seu trabalho; g). — Gobenantes del Perú, Cartas y Papeles, siglo XVI, publicados sob a direção de R. Levillier, 14 tomos, consultados com menor frequência que a coleção anterior. Mais algumas coleções de documentos que são mencionadas no índice bibliográfico (p. 457 a 465), contudo, no corpo do trabalho não há sequer uma referência sobre as mesmas. Foram utilizadas? Ac nosso ver apenas ilustram o índice sem ilustrar a obra. Todavia há um mérito: sem romper com os cronistas, fez uso de documentos colegidos e publicados por Roberto Levillier a mais de três décadas que, apesar de importantes, vinham sendo mal explorados pelos pesquisadores bolivianos. Mas, por outro lado, se houve, realmente, o propósito de levantar coleções de documentos existentes em arquivos estrangeiros, o objetivo não foi alcançado. No que toca à documentação existente nos arquivos espanhois, por exemplo, não poderia ter omitido os documentos referentes a Potosí existentes no Archivo de Indias em Sevilha, pois, sobre os quais há um "Catálogo" elaborado por José Vazquez Machicado e publicado em Potosí no ano de 1964.

A omissão se torna mais grave ainda quando o Autor não pesquisa e não menciona em sua obra os arquivos históricos de sua pátria. Porque mencionar coleções de documentos existentes em arquivos estrangeiros e omitir documentos catalogados e em condições de pesquisa existentes nos arquivos bolivianos? Aliás, o Autor faz uma mensão às escrituras públicas de Cochabamba, dizendo que o arquivo notarial foi franqueado ao público (p. 194). Ora, conhecemos o arquivo notarial de Cochabamba, por isso, queremos crer, foi infeliz na informação: os legajos sobre escrituras públicas de Cochabamba não estão sequer catalogados ou fichados, enquanto que as de Sucre e Potosí já estão.

O fato do Autor não viver em sua pátria não justifica a omissão por várias razões: a). — pelo objetivo da obra, ou seja, historiar as origens da sociedade boliviana — para todas as subdivisões da mesma, teria encontrado nos arquivos de Potosí e Sucre documentos inéditos que teriam dado maior projeção ao trabalho; b). — pelo propósito de dar a conhecer a existência de fontes; c). — provar a viabilidade de escrever a história pátria fazendo uso da documentação existentes nos arquivos bolivianos; d). — provar aos pesquisadores que ignoram: o Arquivo Nacional de Sucre e o Arquivo da Casa Nacional da Moeda de Potosí estão organizados, os documentos catalogados, portanto, oferecem condições de pesquisa.

Quanto a bibliografia utilizada, ao longo do trabalho, é rica e diversificada, abrange autores europeus e americanos. São citados com mais frequência: Haring, Hamilton, Ernesto Samhaver, Rafael Loredo, Céspede del Castillo, Levillier, León M. Losa, Valentin Abecia e J. M. Urquidi. Percebe-se a mensão de poucos bolivianos. Há no índice bibliográfico final citações de livros e artigos que não aparecem no corpo do trabalho.

Vamos ao principal objetivo da obra. O propósito nacionalista se encontra no subtítulo da mesma: origens da sociedade boliviana no século XVI. Descarta o conceito tradicional de sociedade boliviana como decorrência do conceito formal "Nação-Estado". É válido o seu propósito de retroceder o processo inicial da nacionalidade boliviana de 1825 para 1535. Muito mais válido ainda quando procura relacionar as origens da sociedade boliviana com um fator econômico, ou seja, a extração e indústria argentífera. Ao nosso ver êste é um fator da história de "longa duração". Do mesmo modo é louvável a inclusão de outros fatores como o reparto da população nativa, as primeiras encomiendas, a mão-

-de-obra mitaya, a organização institucional-político-administrativa da Audiencia de Charcas e a organização eclesiástica da mesma. Do mesmo modo que Guillermo Ovando-Sanz, esclarece e prova que nunca se conheceu o território da Bolívia por Alto-Peru ao menos na fase colonial. Outro aspecto positivo está no empenho do Autor de provar que a Bolívia não teve formação histórica distinta, como afirmaram alguns historiadores da escola romântica que "balcanizaram" a fase colonial com o propósito de justificar as fronteiras nacionais do século XIX. De fato, a América Espanhola, na fase colonial se caracterizou muito mais pela intercomunicação regional que pela fragmentação ou comportamento estanque, se comportou muito mais como um sistema de "vasos comunicantes". Procuraremos comprovar esta articulação através de nosso trabalho sobre o "complexo potosino". Houve um certo impulso direcional, ou melhor, multidirecional: a área andina querendo romper para o Atlântico e vice-versa. Achamos válida a afirmação do autor: "la história del siglo XVI de Bolivia es la historia del Rio de la Plata" (p. 67).

É verdade que dedicou um capítulo à conquista espiritual do território de Charcas (p. 371 a 380), todavia, não devia omitir a cultura, sobretudo a arquitetura, escultura e pintura. José de Mesa, Teresa Gisbert e Mario Chacón Torres são especialista neste campo. Os três vem publicando trabalhos originais.

Em linhas gerais, a obra do Autor, é válida, apesar de excursionar na histórica econômica, a mesma se enquadra na história política e não social. Percebemos o seu propósito de elucidar as "entradas" interioranas, de situar Nuflo de Chaves no panteão ao lado de outros grandes conquistadores. Oxalá que este trabalho desperte a elaboração de várias monografias que propiciem o conhecimento do século XVI boliviano em seus múltiplos aspectos.

O prefácio não constitui síntese feliz. Aliás, ao nosso ver, trata-se de introdução e não prefácio. A conclusão em têrmos metodológicos é válida, procurar focar o presente para esclarecer o passado. Através dela o Autor rompe com a história tradicional que situa os fatos sobre os trilhos cronológicos. É um livro que merece ser lido. É pena que lhe falte maior rigor na citação bibliográfica, nas notas de rodapé. É pena que ao excursionar na história do Brasil cometa certos deslizes.

JACIRO CAMPANTE PATRÍCIO

* *

MOTA (Carlos Guilherme). — Atitudes de inovação no Brasil (1789-1801). Lisboa. Livros Horizonte. 1970. Apresentação de Victorino de Magalhães Godinho.